

OS MITOS GREGOS COMO ARQUETÍPICOS: uma análise do mito de Hades.

Marco Antonio Facione Berbel *et al.**

RESUMO

O presente trabalho trata num primeiro momento sobre os mitos, como estes estavam presentes entre os gregos, sendo usado como a primeira forma de explicar a origem das coisas; a sua importância para esse povo e os seus objetivos; a relação que se faz presente entre mito e rito. Dentre os vários mitos existentes, este estudo aborda de forma especial o mito de Hades, regente dos inferos junto com sua amada Perséfone, e suas características. Abordou-se também sobre a relação presente entre os mitos e a Psicologia, com um enfoque especial na relação do mito de Hades e a Psicologia, onde sua regência tem papel determinante da personalidade humana, a pessoa com regência do deus Hades, é uma pessoa inteligente e introvertida.

PALAVRAS-CHAVE: Mito; origem; Hades; Psicologia.

ABSTRACT

The present work is a first step on myths such as these were present among the Greeks, being used as the first way to explain the origin of things, its important to these people and their goals, the relationship that is present between myth and ritual. Among the various existing myths, this study addresses the special way the myth of Hades, ruler of Inferos along with his beloved Persephone, and their characteristics. It also addressed the relationship between this myth and psychology, with a special focus on the relationship of the myth of Hades and Psychology, where his rule is decisive role of the human personality, the person conducting the god Hades, is an intelligent person and introverted.

KEYWORDS: Myth; origin; Hades; Psychology.

1 INTRODUÇÃO

O mito está presente entre todos os povos e todas as culturas, onde todas as nações, seja ela qual for, um dia usou do mito para explicar suas origens. A mitologia é utilizada pela Psicologia porque de acordo com as características de cada deus grego, há uma associação com a personalidade de cada ser humano. Tais características se manifestam nos seres humanos determinando alguns comportamentos que se tornam característicos com o comportamento dos personagens míticos gregos.

* Graduado pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Mestre pela Universidade de São Paulo – USP. Professor da Faculdade União de Campo Mourão – UNICAMPO. Marilza Fernandes de Almeida; Jean Pablo Guimarães Rossi; Jessica Naiana Alberti dos Santos; Luciana Schilive dos Santos, graduandos do 3º período do curso de psicologia da Faculdade União de Campo Mourão - UNICAMPO.

O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica com o objetivo de aprofundar o nosso conhecimento sobre o mito, que foi a primeira forma encontrada pelo homem de explicar o mundo, para isso se utilizam de figuras simbólicas, sobrenaturais, os deuses e deusas, que fazem relação com a realidade, dando respostas às dúvidas humanas e da natureza.

Focamos no mito do deus Hades que governa o infero mundo, propicia o ensimesmamento das pessoas para que ocorra uma mudança, uma transformação para que o ser renasça e seja uma nova pessoa. A morte representa uma condição intrínseca do existir. A partir da dor, ocorre o processo de introspecção como parte do processo de renascimento, pois todos querem estar livres da dor, buscando então uma forma de se renovar e não mais sofrer.

2 O QUE É O MITO, SUA DESTINAÇÃO E IMPORTÂNCIA PARA OS GREGOS

Chauí (2008, p. 35) diz que “a palavra mito vem do grego, *mythos*, e deriva de dois verbos: do verbo *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar)”.

Para os gregos o mito é uma forma narrativa que tem a função de explicar os fatos da realidade, os fenômenos da natureza, bem como a origem do mundo e do homem (ALVARENGA, 2010).

Os mitos se utilizam de simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis. Visto que o mito sobre a origem do mundo são genealogias, são divididos em: Cosmogonia, e Teogonia.

Como definição de Cosmogonia podemos dizer que é a narração que apresenta o nascimento e a organização do mundo a partir de forças geradoras, onde se atribui feições, características, sendo a forma que o homem encontrou para a compreensão do mundo, já Teogonia é a narrativa sobre a origem dos deuses a partir de seus pais antepassados, tudo surge a partir do Caos, e a partir dele surgem Gaia e Urano (CHAUI, 2008).

Normalmente se associa erroneamente o mito como uma mentira, ilusão, ídolo ou lenda, porém o mito não é uma mentira, pois é verdadeiro para quem vive, a verdade do mito é intuída, não precisa de comprovações provas, ela depende da

crença, da fé. “O mito é, portanto uma intuição compreensiva da realidade, cujas raízes se fundam nas emoções e na afetividade” (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 72).

Este interpretar do mundo presente no mito, expressa o que desejamos, o que queremos e tememos, demonstra como as pessoas querem dominar o mundo, conhecê-lo, prever, temendo o desconhecido e a morte. Embora o mito seja uma forma de compreender a realidade, sua função é tranquilizar e acomodar o ser humano em seu mundo assustador. Recorre aos deuses, para compreender a origem e natureza dos fatos (ARANHA; MARTINS, 2003).

Os mitos surgiram quando ainda não existia a escrita, era preservado pela tradição e transmitido oralmente pelos poetas aedos e rapsodos, cantores ambulantes que davam forma poética aos relatos populares e os recitavam de cor em praça pública, eles eram considerados testemunhas diretas dos fatos, receptores imediatos daqueles que haviam testemunhado os acontecimentos, sendo porta voz dos deuses, acreditava-se que esses poetas eram escolhidos dos deuses. Tinham a confiabilidade e a autoridade sobre os ouvintes (ARANHA; MARTINS, 2003).

Segundo Alvarenga (2010), as pessoas se congregavam em cerimônias para reviver as histórias míticas, mantendo os mitos vivos. “Rito é a experiência que se tem de uma realidade fenomênica que propicia ao iniciado a vivência de como fora a primeira vez” (ALVARENGA, 2010, p. 44).

Por isso a importância do rito é revitalizar, dar forças novas, movimentar energias na psique do indivíduo. É uma forma de renovação, sem o rito, o relato permanece somente como lenda, história ou mito. Ao ritualizar passa a viver como no início. O rito torna o tempo reversível e liberta o homem do tempo morto, do tempo da neurose. Ao modificar o passado o rito faz o sujeito entrar na reversibilidade do tempo e recriar, simbolicamente o mundo. Esse é um momento mágico, e a vivência experimentada é de plenitude, vigor, contentamento, alegria (ALVARENGA, 2010).

Chauí (2000, pg. 162) descreve os objetivos do mito, os quais seguem de forma sintetizada:

- Encontrar o pai e a mãe das coisas e seres, ou seja, tudo deriva das relações sexuais entre forças divinas e pessoais, que desta relação geram os demais deuses: os titãs, os heróis, os humanos, os metais, as plantas, os animais, as qualidades.
- Explicar por meio das divindades, as suas alianças ou rivalidades, como elas resultam na criação de coisas ou eventos.
- Justificar as recompensas e castigos dadas pelos deuses, que são dadas a quem os obedece ou desobedece, destino era dado segundo os deuses, caso algo não acontecia bem é porque os deuses escolheram assim.

3 O MITO DE HADES

Saber de Hades representa, simbolicamente, povoar-se do recolhimento próprio da introversão, condição propiciadora de reflexões que possibilitam perceber as ideações intuitivas. Hades é o guardião dos sonhos mais incorpóreos, aqueles que permanecem distantes do campo da consciência, porém desejosos de realização (ALVARENGA, 2010).

Hades, também conhecido como Plutão, filho de Cronos, é descrito pela mitologia como o senhor dos mortos. É a expressão da possibilidade do processo de ensimesmamento, que gesta pelas funções intuitiva e pensamento, a concepção de ideias, dos conceitos, dos filhos do tempo novo. Hades é a expressão da metanóia, que significa mudar o próprio pensamento, ter uma conversão, um casamento interior do encontro de si consigo mesmo. É a expressão da possibilidade da atualização da consciência da finitude, da consciência da aceitação do morrer como condição intrínseca do existir (ALVARENGA, 2010).

De acordo com Alvarenga (2010), Hades deixou o inferno, local de morada das almas, duas vezes. A primeira vez para raptar Perséfone, que configura sua amada-amante. Ao retornar ao inferno, dessa vez Hades leva Perséfone juntamente com ele e os dois acabam se tornando regentes das entranhas da terra. Perséfone é a melhor possibilidade do ser consciente, profundamente consciente de si mesma, representa a vida que se alimenta da vida, vida que provê a vida, vida que transforma a vida, grão que gesta o filho do tempo novo. A segunda vez ele sai em busca do bálsamo que curaria o ferimento que ele teve em seu ombro direito, decorrente da luta que teve com Herácles, que queria raptar o cão Cérbero de Hades. Aí, percebe-se que o deus dos mortos não suporta a sensação da dor que é

tão comum aos vivos. O divino, precisa humanizar-se, ou seja, estruturar consciência reflexiva para se saber, *fazer-se humano é criar consciência, consciência de si mesmo*. Hades, imagem arquetípica, retrata como a estruturação simbólica da consciência pode ser vivida como dor insuportável. A dor física quando não contida, não assistida, configura abandono. Sendo assim, o contato com a dor faz emergir a demanda pela finitude, pela morte, concreta ou simbólica.

Para Hades, a geração de consciência não se dá sem a morte simbólica. Humanizar é sinônimo de tornar-se mortal. A geração de consciência somente se faz com as incontáveis mortes simbólicas vividas. É necessário aprender a morrer para poder transformar as inúmeras dores de alma. O divino Hades parece representar a expressão arquetípica menos afeita à humanização pelos caminhos da sensorialidade. A regência de Hades acentua a introversão, o ensimesmamento, o recolhimento (ALVARENGA, 2010).

Quem quer que adentre o reino das profundezas haverá de morrer e renascer simbolicamente para um tempo novo. Quem desce aos inferos nunca mais retorna, pois o que volta é o outro ser, é o renascido. Assim, a consciência profunda de si mesmo gera o autoconhecimento que tem caráter reflexivo e configura realidade de difícil suportabilidade (ALVARENGA, 2010).

Hades é a possibilidade do processo de ensimesmamento e renascimento, do morrer simbolicamente como condição para um renascer renovado.

4 CARACTERÍSTICAS DE HADES

Segundo Alvarenga (2010), o deus Hades apresenta algumas características específicas, como: não suportar a dor e a finitude da vida; é símbolo de renovação, introvertido com funções intuitivas e pensamento; ser inteligente, engenhoso e ousado; expressar reflexão subjetiva, ideativa, sem respaldo sensorial; ser uma representação da morte simbólica - a aceitação do morrer como condição intrínseca ao existir; expressão da possibilidade do recolhimento; ser o guardião dos sonhos mais incorpóreos; entender a relevância estratégica das escolhas, para que a pessoa seja cada vez mais o que nasceu para ser; expressão da possibilidade do processo de ensimesmamento - pensar em si mesmo - e da metanóia, que é mudar o próprio pensamento; encontro de si consigo mesmo, da integração de alma.

5 CONEXÃO DE HADES COM OUTRAS HISTÓRIAS, OUTROS HERÓIS

Na mítica greco-romana, conforme Alvarenga (2010), todas as figuras heroicas e divinas que fizeram sua passagem pelo mundo dos inferos, reino de Hades e Perséfone, estabeleceram com os regentes, relações interativas propiciadoras de transformações para as suas personalidades tanto dos que lá adentraram como para os que foram seus anfitriões.

Alceste, que era esposa de Admeto, se ofereceu para morrer no lugar do marido, que havia sido escolhido para deixar esta vida. Herácles, ao saber da morte de Alceste, luta com Tânatos (a morte) e traz Alceste de volta à vida. E, ao regressar, a rainha Alceste, volta mais jovem e bela do que nunca. O amor de Alceste por Admeto era tão grande que viabilizou o sacrifício, uma vez que ela experimentara a transformação em si mesma. Relata-se que foi Perséfone que, impressionada com o amor e devotamento de Alceste, aceitou mandá-la de volta à luz do sol. E então Alceste voltou transformada, certamente pela vivência da Morte. O sacrifício por amor confere competência para renascer (ALVARENGA, 2010).

Psique, a jovem amante de Eros, desceu aos inferos e conseguiu que a rainha Perséfone lhe entregasse a caixinha com o unguento (creme) da beleza, que deveria ser levado a Afrodite. Porém, Psique desejou para si a beleza, quis para si o unguento, com o que pagaria com a própria vida. Psique morre pela descoberta de si mesma. Após descobrir-se humanamente bela, experimenta a morte simbólica para renascer transformada, podendo ocupar-se de si mesma estando a serviço do que o outro espera que ela faça e não a serviço de seu próprio processo. O morrer para o referencial estabelecido pelo outro para renascer para o referencial estabelecido por/com o si mesmo se revela em Psique (ALVARENGA, 2010).

Orfeu desceu aos inferos para o resgate de sua esposa Eurídice que foi morte por picada de uma serpente. Orfeu canta e encanta a todos que o ouvem; toca sua lira com a competência de mestre, filho do divino Apolo, deus da arte, da medicina, da cura. Orfeu acabou conseguindo o resgate de Eurídice, mas Hades colocou como condição que ao resgatar sua esposa não olhasse para trás, porém, Orfeu com suas dúvidas olhou para trás e Eurídice se perdeu no reino da morte. Orfeu desejou a Eurídice do passado, desejava o retorno da mulher amada, insiste em ter Eurídice, mas as portas dos inferos estavam-lhe fechadas. O herói retorna derrotado e não

mais toca sua lira, não mais cantou. Orfeu perdeu-se de si mesmo, mas não desiste. Sua busca continua e seu encontro consigo mesmo se dará pela busca da Sabedoria Profunda, busca pelo conhecimento. Orfeu instituiu os Mistérios Órficos dando início à teologia do orfismo cuja ideia principal é a expiação das próprias culpas e faltas, assim como a aceitação da responsabilidade individual pelos atos cometidos e da crença na vida pós-morte. Orfeu representa a possibilidade de se fazer a incursão pelo reino dos inferos, como a primeira busca da morte simbólica. Isso demonstra que não devemos ficar presos ao passado, não se prendendo naquilo que não nos liberta (ALVARENGA, 2010).

Odisseu desceu aos inferos, à procura de Tirésias, para descobrir que as respostas às suas próprias questões estavam em si mesmo. Odisseu precisava recordar a necessidade de render-se às demandas que o conclamavam para reassumir seu papel e lugar de servir ao coletivo, reino, súditos, governo. Somente com este feito Odisseu conseguiria experimentar a transformação – refrear a cobiça. O descomedimento perverso do Eu nos afasta do caminho da individuação, um ser único em equilíbrio, indivisível. A viagem ao reino da morte configura aquisição do autoconhecimento. A presença de Odisseu no reino dos inferos também convida Hades a essa que seria a maior de todas as aventuras: aquisição do autoconhecimento (ALVARENGA, 2010).

Teseu desceu aos inferos para raptar Perséfone. Hades vendo a sua ousadia o prendeu em uma pedra de onde foi tirado por Herácles. Teseu desceu duas vezes aos inferos, porém não obteve nenhuma transformação. Teseu não experimentou transformação suficiente para seu novo nascimento simbólico. O mito de Teseu nos ensina que não basta sofrer para que a transformação da alma aconteça. É necessário compreender o processo vivido, encontrar o sentido do sofrimento. Com este mito pode-se perceber que existe um tempo para cada coisa, onde o tempo de permanência nos inferos é o tempo em que se recolhe para si próprio, onde deve haver a transformação e quando esta não ocorre não há mudança, não se renasce (ALVARENGA, 2010).

Para Hades como condição essencial de viver é morrer simbolicamente, trazendo isso para a nossa realidade percebe-se que para uma pessoa atingir seus

objetivos é necessário a renovação da consciência, ocorrendo uma transformação da personalidade (ALVARENGA, 2010).

6 UTILIZAÇÃO DOS MITOS NA PSICOLOGIA

Há vários divinos gregos considerados pela Psicologia Analítica como estruturas arquetípicas ou modelos de representação no mundo. Há uma relação entre a tipologia humana e os divinos gregos, onde esses divinos são considerados estruturas arquetípicas regentes da psique humana, tendo em suas histórias de vida, possíveis caminhos de humanização dos arquétipos que elas traduzem. Essas divindades são usadas como representantes ou expressões de regências da consciência, de estruturas relacionais (ALVARENGA, 2010).

Ainda para Alvarenga (2010), cada divino tem uma forma de se apresentar no mundo, um jeito de fazer e de ser específicos, um caráter mais extrovertido ou introvertido, evidenciando uma estrutura global que fornece elementos para se estabelecer suas tipologias e seus diversos caminhos arquetípicos da humanização. Cada psique humana é portadora de regências divinas. Os divinos são imagens ou expressões arquetípicas de estruturas primordiais presentes e regentes das personalidades de todos os seres humanos.

Os deuses e deusas, presentes desde todo o sempre na psique do ser humano, configuram realidades fundamentais que traduzem a amplitude e a singularidade da pessoa. Nesse contexto, todos nós temos as dezesesseis regências, entretanto, os divinos se distribuem de formas ímpares em cada um. As mulheres terão suas regências de consciência representadas por divindades femininas, e suas estruturas relacionais representadas por divindades masculinas. Os homens, por sua vez, terão divinos masculinos como expressões de suas regências de consciência, e deusas como expressão de suas estruturas relacionais (ALVARENGA, 2010).

Os divinos podem traduzir com mais fidelidade o *modus operandi* – expressão da ação – de cada psique, nos seus vários momentos de vida. Homens e mulheres são condições definidas não só pelo fato de serem masculinos e/ou femininos. Definem-se também por suas regências, representantes das atividades da consciência, como também por seus *modus operandi*, suas estruturas relacionais,

suas estruturas de sabedoria profunda. A maneira como cada um percebe ou apreende a realidade, seguida pela forma como avaliam ou julgam o apreendido, depende de pressupostos inerentes às suas psiques (ALVARENGA, 2010).

Cada um dos personagens míticos traduz uma das personalidades de humanização, ou seja, o arquétipo, ao estruturar a consciência, o fará segundo perfis existenciais que estarão em conformidade com uma ou mais variantes dos mitologemas (conjunto de histórias míticas que traduzem uma mesma temática) que compõem o mito dessas divindades (ALVARENGA, 2010).

Portanto, num trabalho analítico, para enriquecimento do processo psicoterápico, o conhecimento sobre os mitos, confere ao analista, referenciais para a compreensão da psique de cada um de seus clientes (ALVARENGA, 2010).

7 O MITO DE HADES E SUA RELAÇÃO COM A PSICOLOGIA

Os divinos são expressões simbólicas de grandes emoções, criatividade, ideias, modelos de realização, mas em si mesmos, são tão somente imagens arquetípicas. O mito de Hades representa momentos de grande significado, constituindo aspectos imprescindíveis à compreensão do caminho de humanização do arquétipo. A descida ao reino de Hades é condição precípua de busca de conhecimento e estruturação das instâncias da identidade, sem o qual o processo de individuação não se realiza (ALVARENGA, 2010).

De acordo com o mito de Hades existem duas formas de se adquirir o conhecimento, a primeira é a busca do mundo através das relações e aquisição de informações; a segunda é a busca da subjetividade da introspecção, as razões do existir e do sentido da vida (ALVARENGA, 2010). Relacionando com a Psicologia, percebe-se que estas formas de conhecimento tem tudo a ver com as tendências inatas e as tendências aprendidas. Nas tendências aprendidas adquirimos o conhecimento por meio das relações culturais, do meio onde vivemos e através de estímulos externos. Já nas tendências inatas vive-se aquilo que é próprio de cada indivíduo, sem a intervenção do meio externo, ou seja, a percepção própria de cada um.

Para Hades, quanto mais encolhido a pessoa permanece, mais toma consciência da dor, onde o recolhimento do corpo propicia ao ser humano a

possibilidade de contatar mais profundamente com o próprio corpo, quando a dor é física. Quando se vê com as dores da alma, o recolhimento ocorre mais comumente com os introvertidos. Observa-se que quando uma criança se depara com a condição de afastamento do corpo da mãe, se vê desprotegida, insegura, com medo e com dor. Já quando há um contato próximo da mãe com o bebê, o mesmo se sente seguro, protegido e autoconfiante, onde passa a ver o sofrer com maior suportabilidade (ALVARENGA, 2010).

8 CONCLUSÃO

Após a realização desta pesquisa pode-se perceber que Hades é um deus grego de grande influência no processo de transformação, renovação espiritual e psicológica na vida de uma pessoa, pois através de uma profunda reflexão a pessoa descobre novos caminhos para seguir. O Mito de Hades tem a ver com o inconsciente de cada pessoa, o conteúdo que está num local de difícil acesso, mas que pode a qualquer momento vir à tona.

As características de Hades são perceptíveis principalmente nas pessoas ousadas, inteligentes, estudiosas, introspectivas, que buscam realizar seus sonhos, sem medo de sofrer, mas buscando seus objetivos, sabendo interpretar o processo de morrer e nascer para se reestruturar e se renovar, tornando-se capaz de realizar seus sonhos.

O mito de Hades é tão inspirador que foi citado na música Perfeição, da Banda Legião Urbana, onde diz em um trecho “Venha, meu coração está com pressa/ Quando a esperança está dispersa/ Só a verdade me liberta/ Chega de maldade e ilusão. /Venha, o amor tem sempre a porta aberta/ E vem chegando a primavera/ Nosso futuro recomeça:/ Venha, que o que vem é perfeição”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, M. Z. (Coord). **Mitologia simbólica: estruturas da psique & regências míticas**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CHAUI, M.. **Convite a Filosofia**. 7 ed. São Paulo: Editora ática,2000.

ARANHA, M.L.A; MARTINS, M. H. P. **Filosofando: introdução à Filosofia**. 3 ed. revista- São Paulo: Moderna 2003.